

SOLANGE LIMA - Agitadora cultural e produtora de cinema

Agitadora cultural e produtora de cinema, proprietária da Araçá Azul Cinema e Vídeo. Produziu filmes como *Tieta*, de Cacá Diegues, *O Jardim das Folhas Sagradas*, de Pola Ribeiro, e *Capitães da Areia*, de Cecília Amado. Fundadora e ex-presidente da Associação Baiana de Cinema e Vídeo - ABCV.

1. Quem é Solange Lima?

Eu sou Solange Lima e tenho o cinema como paixão desde os treze anos de idade. Comecei a ver um set de filmagens em Lençóis, com Orlando Senna, e de lá para cá os percalços da vida sempre me levaram para o cinema. Fui para o jornalismo, mas caí no cinema, fui para sociologia, caí no cinema, fui para filosofia, acabei em cinema e agora recentemente voltei para Universidade para fazer cinema. Então eu acho que o cinema estava na minha vida como o ar que eu respiro, é o que eu faço no dia a dia, é minha vida, meu cotidiano. Na Truq Vídeo eu pude ver todos os departamentos do cinema, desde o curta-metragem ao documentário, média metragem, ficção, longa e me encantei. Assino como produção no DRT, mas eu me vejo como agitadora cultural, acho que essa é minha função nesse planeta, é discutir a cultura como parte do universo do ser humano. Eu acredito que educação é a coisa mais importante da vida do ser humano, mas acredito também que a pessoa sem cultura não se preocupa com a educação, com a saúde, com nenhuma outra coisa. Então assim, eu sou uma produtora cujos projetos são sociais. Quando eu analiso um projeto, realizo um roteiro, eu sempre procuro ver de que maneira esse roteiro vai dar retorno para a sociedade. Eu escolho os roteiros que quero produzir, os que eu vou filmar e os diretores com que eu quero trabalhar. Não porque são melhores ou porque são piores, mas porque as histórias é que me encantam; gosto dos contadores de histórias que envolvem a sociedade. Eu comecei na Truq Vídeo em 1996 como secretária e ali eu tive noção de tudo, desde a produção, a direção, ao orçamento, a administração. Depois de seis anos na Truq eu fui fazer o filme *Tieta do Agreste*, do Cacá Diegues. E eu me lembro bem que, na entrevista, ele perguntou o que eu fazia? E aí eu disse: eu fiz curtas, meia, longa, e vim "ser secretária" do filme *Tieta*. Havia várias pessoas me entrevistando. De noite me ligaram e disseram: "você está contratada para ser a produtora de base". E aí eu disse: "Mas por quê? Eu nunca fiz produção de base de um longa-metragem." E eles me responderam: "Porque quem faz curta-metragem, faz qualquer outra coisa no cinema". Quem faz curta-metragem faz a direção, faz a produção, faz cenografia, você mexe em tudo, ou você se envolve com tudo ou não faz o curta, né? E aí eu fiz *Tieta* e depois resolvi abrir a minha produtora, chamada Araçá Azul, que fez 15 anos agora em maio, e está debutando com o primeiro longa, intitulado *Estranhos*, que será lançado no segundo semestre, e com três co-produções, o documentário *Brilhante*, de Conceição Senna, o filme *Capitães da Areia* e *Jardim das Folhas Sagradas*, de Pola Ribeiro.

2. Pode-se dizer que é possível produzir cinema no Brasil num regime profissional?

Do ponto de vista dos profissionais, o Brasil está muito capacitado. Temos os melhores profissionais de direção, produção, arte, figurino, todos os segmentos do cinema. A cadeia produtiva está completa, há excelentes fotógrafos, maquinistas, o diretor é uma questão que eu digo que é de veia, de pulsação, dirigir um filme é uma arte. Um montador pode salvar a direção, mas se o produtor fracassa, o filme não sai. Eu acho que a gente tem uma estrutura muito bacana e muito competente. Acredito que faltam duas coisas, falta uma vontade política do governo, aqui no Brasil, porque a gente vem discutindo isso politicamente e percebemos que a cultura está ficando em segundo plano. É isso me preocupa muito, porque uma sociedade que não tem cultura perde seu empoderamento. Falta entender a política como estratégia para o governo, para a sociedade. A segunda coisa é que a produção brasileira, do ponto de vista profissional, do gestor, é muito competente, mas falta uma estabilização do produtor no elo da cadeia produtiva. Falta os produtores se aglutinarem mais, discutirem mais os seus projetos, entenderem mais o que é produção, saberem qual é o seu papel no cinema. Produzir não é só pegar um roteiro, decupar, passar para o set de filmagem e filmar. É receber um roteiro, depois pensar para onde ele vai, qual é o público desse roteiro, qual é o local em que ele vai ser recebido, que plateia pertence a esse filme. Porque na hora em que você recebe um roteiro, ou desenha, entende qual é o caminho dele, você descobre quem são os patrocinadores automaticamente. Porque você vai atrelar a imagem dos patrocinadores ao filme e aí há um produto que vai gerar retorno sim, que tem a ver com o público deles e com toda a estrutura da empresa. E você não estará mentindo para o patrocinador, consequentemente você já faz um desenho da produção, set de filmagem, pós-produção e da memória também, porque quando você lança um filme, pensa no que vai discutir com a sociedade, com a plateia. O produtor é um elo, o pilar do cinema. É ele a pessoa que recebe o roteiro, ele é a pessoa que torna possível a chegada desse roteiro à tela e, consequentemente, à sociedade. É necessário pensar também na memória desse filme, de que modo ele vai chegar às próximas gerações. Na hora em que o produtor entende seu papel, a máquina de engrenagem do cinema funciona, porque o produtor é o coração, o motor do cinema, ele faz com que o cinema continue, faz com que a história de fato exista, possa ser filmada e chegue à tela. “Um bom roteiro será um bom filme”, pode ser, mas um bom filme sem um bom produtor, não é filmado. E se for filmado a trancos e barrancos, não vai para a tela. Se for para a tela, não vai alcançar a proporção que deveria alcançar. Fico muito preocupada com a situação do produtor hoje em dia. Acho que muita gente enxerga o produtor como um faz tudo, um cara que está ali, pau para toda a obra. Mas o produtor é uma pessoa que precisa ter um conhecimento de cultura, de sociedade, economia, direito, muito amplo. O contrato que ele fecha no dia em que compra o roteiro já implica se esse roteiro vai para a tela. Se o número de músicas que o diretor inseriu nesse filme vai poder ser pago com o orçamento que o filme tem. Se as pessoas que estão trabalhando para esse filme são pessoas de baixo ou alto poder de produção. Se o filme em questão é um mutirão, ou se é altamente profissional. É o produtor quem decide isso. Se um diretor pega um roteiro dele, coloca na mão de um produtor que não

tem conhecimento da área do cinema, ele está fadado ao fracasso e pode ficar arquivado na gaveta por anos. Ele pode ser filmado e não finalizado, pode ser finalizado e não chegar à tela e se chega, não chega a contento do que o diretor queria. Por isso, acho que precisamos aperfeiçoar mais os produtores.

3. E na Bahia, ocorre o mesmo? Não há mais profissionalização por parte dos produtores?

Eu acho que a profissionalização tem que acontecer no Brasil porque mesmo os grandes produtores, por exemplo, Fernando Meirelles, produtor da O2, que é a maior produtora de cinema do país, ele mesmo acaba de ficar decepcionado porque *Xingu* não foi a bilheteria que ele esperava. Um cara que fez *Domésticas* na época em que não era conhecido, que fez uma bilheteria boa, chega agora com *Xingu* depois de ter feito *Ensaio sobre a cegueira*, *Cidade de Deus*, acho que faltou a ele ter uma noção do que era *Xingu*, qual era o povo de *Xingu* e não deixar na mão do distribuidor. A falta de profissionalização que eu falo não é de escola, de legislação, porque isso se aprende tudo no dia a dia, como algo autodidata, acho que falta um estudo de grupo. Por exemplo, eu tenho um documentário que vai discutir política nacional, o outro tem um filme sobre ficção científica, o outro tem um filme sobre animação, são estes produtores que devem ter um ponto de encontro. Que eles discutam a produção, o mercado, o que está indo para a tela e aí, como fazer para que o filme aconteça. Acho muito complicado dizer que os filmes americanos são os filmes mais vistos na sala de cinema. Não são, porque só 8% da população brasileira vai ao cinema, 92% não viu os filmes. Até isso o produtor tem que pensar nesse mercado alternativo, como chegar às pessoas, que tipo de produção, que distribuição a gente pode fazer. Já que somos subsidiados pelas leis federais, municipais, estaduais, ou seja, são verbas em prol da sociedade, eu posso criar uma alternativa de distribuir gratuitamente e ainda assim ter que computar isso como bilheteria, seja nos cineclubes, seja nas escolas, seja nas praças públicas. Isso tem que ser computado e não é computado. O sucesso no Brasil é aquilo que é computado nas salas de cinema e 8% da população brasileira vai, ou seja, o sucesso no Brasil é computado nos Multiplex, o que é uma inverdade. Como militante, eu venho lutando muito para que a legislação mude, porque a nossa é antiga, a lei que pauta o cinema é anterior ao golpe de 1964. Mas o produtor também precisa ter um grupo, um núcleo, que se posicione e que cobre da ANCINE, para que toda parte alternativa também seja computada na visibilidade do cinema. Tem filmes que fizeram milhares de espectadores fora das Salas Multiplex, mas isso não é computado. Falta uma organização dos produtores, então não é que na Bahia falta profissional competente. Falta entender que o produtor é macro, ele pensa no filme muito além de finalizar e colocar na lata. Ele precisa pensar o filme para a eternidade, inclusive pensar nos acervos, pensar na preservação, pensar na memória, porque daqui a dez anos nós vamos estudar toda uma estrutura da sociedade através do cinema que foi preservado. O produtor pensa macro e isso no Brasil não é entendido.

4. O que você acha dos editais no Brasil e na Bahia?

Eu tenho uma tese de que o edital é uma cunha no audiovisual, uma cunha na proposta de crescimento, de inserção na sociedade, de fazer o produtor acontecer. Por quê? Por que ele é fracionado? Ele tem que ser assim. Tem que ter edital para o desenvolvimento do roteiro, para produção, para finalização, distribuição e preservação. O edital é uma alavanca que vai te impulsionar para frente. Agora, o produtor que já tem tarimba no mercado, ele não passa por isso, quando ele orça um filme, ele orça um filme. Vou dar como exemplo *Capitães da Areia*, o maior filme que a gente produziu e que foi até a distribuição. Quando eu orço *Capitães da Areia*, eu orço um filme de 6 ou 7 milhões de reais. Eu sedimento ele ali dentro e aprovo na ANCINE, 6 milhões de reais, só que eu vou captando recursos, eu enquadro no artigo primeiro, no artigo primeiro a, no artigo terceiro, no 39. Porque o artigo primeiro a é a lei do incentivo que possui 100% de isenção de impostos. E aí que o que eu faço? Eu capto recursos do artigo primeiro a, que é pelo BNDS, que é investimento, e que está na comissão de valores. Eu capto recursos pelo artigo terceiro, cujas condições são as mesmas que com isenção de impostos coloca dinheiro no Brasil já para a distribuição do filme, e eu capto pelo artigo 39, que abrange as televisões. Eu pensei o filme desde a compra do roteiro, a produção, finalização, distribuição, exibição em todas as janelas, inclusive nos games, como *Capitães* também foi pensado. Ele vai para televisão, cinema, games, e eu tenho 214 cópias de filmes, que vão ter que ser arquivadas e serão distribuídas pelo Brasil em museus, cinematecas, etc. E dentro da própria ANCINE, Domingues Savese e os patrocinadores da Petrobrás também pegam cópias para ler e tudo mais. Eu não pensei nesse filme segmentado, pensei global, e quem pensa na indústria, não pode ficar esperando os editais. Por exemplo, eu tenho um filme de longa-metragem para concorrer agora que é *Perto do Céu*, uma coprodução Brasil-Espanha; com essa produção eu estou em todos os artigos. Então eu estou orçada em quatro milhões e meio, se abre edital da Petrobrás amanhã, eu entro, mas o problema é uma chancela, eu vou receber 600 mil, eu posso receber um milhão, ou um milhão e meio, mas eu vou continuar captando recursos e o correto é que eu só entraria no set de filmagem tendo em caixa, seis milhões, no caso do filme *Capitães*, ou os quatro milhões no caso do *Perto do Céu*. Porque aí eu vou fazer a preparação, comprar o roteiro, fazer a pré-produção. Contratar os atores, a equipe, fechar os contratos com as locações, fazer os contratos com as televisões. Contratar os meninos que vão fazer o game. Já vou contratar os meninos para revista em quadrinhos, ou seja, eu vou fechar tudo isso para pré-produção, porque eu tenho dinheiro para isso. Feito isso, vou para o set de filmagem, depois vou para finalização e daí eu já tenho a distribuição. Por exemplo, *Capitães da Areia*, é um milhão para a distribuição, dois eles jogam no corpo da produção, mas ele não é segmentado. Agora o governo faz o edital segmentado, é função dele, porque eu posso ter captado muito e ter me apertado na finalização. Então eu vou ter dinheiro, vou ter uma fonte onde eu possa beber para finalizar aquele filme ou para distribuí-lo. Ou eu estou começando agora com uma ideia que está verde ainda, que precisa amadurecer, então eu vou entrar no desenvolvimento do roteiro e vai levar um ano, para depois pronto, vender esse roteiro. Não é o fato de os editais serem segmentados que atrapalha, o que atrapalha é a falta

de assiduidade dos editais. Um ano tem, outro não tem. Essa dependência da vontade política do governo atrapalha. Em relação à segmentação dos editais, é maravilhoso que seja assim, dessa maneira atende a todas as camadas e a todas as pessoas em todos os departamentos.

5. A produção do cinema no Brasil pode ser chamada de "cíclica", mas desde a chamada "retomada" tem se filmado bastante. Será que agora estamos em outro momento ou vivendo mais um ciclo?

O mundo é cíclico, tudo vive de ciclos; uma época de apogeu, uma época de decadência; ou de efervescência e outra não. Isso nunca discuto, eu acho que depende da geração, depende das propostas de uma época, o sistema da ditadura é um, o sistema pós-ditadura é outro, o cinema no pós-guerra é um, o cinema na guerra é outro. E por conta disso, se formam ciclos. Mas que estamos vivendo um novo momento na Bahia e no Brasil estamos e isso atribuo à gestão de Gilberto Gil. Quando Gil fala que ele entrou com um *do-in* antropológico, eu acho que de fato ele entrou, e isso falo assim com toda firmeza, porque eu presidi uma entidade que estava nas 26 capitais brasileiras mais o Distrito Federal, e a gente viu o trabalho que foi feito pelo Ministério da Cultura, no sentido da descentralização. Todas as verbas, mesmo os editais, a gente sabia que iam para o eixo Rio/São Paulo e com esse trabalho de descentralização a gente conseguiu não ser mais paternalista. Colocamos no corpo de jurados, dos editais, realizadores de toda a parte do Brasil. E esses realizadores se reuniam para discutir roteiros de todo o país. Por isso, muita coisa que normalmente não era compreendida na linguagem do roteiro, porque a proposta estava relacionada ao cotidiano de cineastas de diferentes regiões do país, passou a ser compreendida. A gente percebeu que vários filmes começaram a ser rodados em estados brasileiros diferentes, fora do eixo Rio-São Paulo. E isso de alguma forma também empoderou a sociedade nesses Estados e quando se empodera a sociedade, ela passa a cobrar do seu estado também uma política cultural estadual e municipal. Por outro lado, como tudo é cíclico a gente já sente um alheamento diferenciado no país, no mundo. A gente ficou dois anos sem editais do Governo Federal. Está sendo feito agora. Aqui na Bahia, também ficamos sem os editais, tivemos agora. E assim, houve uma desaceleração do investimento do governo na cultura. Isso está muito claro, não se sabe quem está por trás disso, porque eu particularmente tenho um pouco de Glauber em relação a isso, eu sou paranóica. Acho que há um alheamento internacional em relação ao investimento na cultura. Para mim é um alheamento a cultura voltar para o segundo plano. O que o Ministério de Gilberto Gil fez muito bem foi colocar a cultura como uma questão de estratégia política e fazer com que o Governo entendesse isso. Eu acho que falta de novo uma pessoa forte no comando da cultura nacional, para empoderar novamente o governo, o povo e a sociedade como um todo desse sentimento de que a cultura é essencial. E que o cinema, não por acaso, é a sétima arte. O cinema trabalha com teatro, com a música, a literatura e, às vezes, se diz que: "ah! o edital do cinema é mais caro!". Não é mais caro, o edital de cinema emprega em um único filme, no mínimo, 70 pessoas. Você coloca o ator no cinema, coloca o diretor de arte, o carpinteiro, o poeta, é um arte muito complexa. Por exemplo, nós acabamos de receber o edital

da Bahia, um cujo recurso para o cinema é de quatro milhões e meio. A gente acha que é muito, mas não é, porque você vai trabalhar não só com a produção do filme, tem que ter um roteiro comprado, alimentar a cadeia produtiva, pagar uma equipe, rodar esse filme, finalizá-lo e levá-lo ao mercado, sem esquecer que por mais que ele seja feito em digital, ainda é necessário colocá-lo em película para ele durar, pelo menos, mais de 50 anos, para outra geração. Ou seja, nós estamos vivendo um momento muito diferente, mas me incomoda também a acomodação das classes, porque a gente viveu quase 40 anos de ditadura e esses anos terminaram. As pessoas gritaram na rua, protestaram, fizeram toda a zoada possível, mas não propuseram um projeto e se apropriaram dele para dizer ao Governo: “É este o projeto que eu quero e é assim que tem que ser feito”. Porque eu acho que isso pertence à sociedade. Fico incomodada ao saber que existe uma lei que foi colocada no governo Wagner, no primeiro mandato, na Assembleia Legislativa, e que a classe não se empoderou dela para que fosse votada. Essa lei já foi retirada de pauta, mas a sociedade tem que invadir a assembleia e fazer ela ser votada. Durante o governo de ACM, fomos incorporados à lei nº 8666, que é horrível, pois profissionais como Joel de Almeida, um diretor baiano, não podem concorrer a um edital, porque ele é do governo, mas não tem nada a ver, não se trata da mesma secretaria, uma é da cultura e a outra de educação. São coisas que cabem à sociedade, porque o governo para mim é o povo, o governante está ali com uma chancela, um cheque em branco, que a sociedade voltou e deu. Mas cabe à sociedade se empoderar disso. Agora mesmo está a maior gritaria em relação ao Fundo de Cultura, que é insuportável realmente, está ancorada na lei nº 8666, ser tratado como consultora civil é horrível para um artista. Falta um mutirão de construção, de desenho de projetos, isso não vai ser o governador que vai levar, nem o secretário, mas vai ser a sociedade. Nos últimos tempos, eu estou um pouco angustiada, porque presidi uma entidade que também estava do mesmo jeito, nacionalmente, não só a Bahia, e isso faz com que se perca o compasso, veja agora, faz dois anos que estamos sem editais, se perde todo o encadeamento do que vinha sendo feito, mesmo assim, temos 15 filmes para serem lançados. Quando eu vejo um edital que saiu agora, do Fundo, tem oito ou dez produtoras que têm condições de participar e que não vão poder participar, porque estão no FCBA. Não é uma verba 00, tampouco locada para o audiovisual, que faz com que eu esteja na finalização, mas possa estar concorrendo a distribuição. Agora mesmo eu estava no Festival de Pernambuco e premiei o Cláudio Assis com um curta-metragem, com a finalização e o desenvolvimento de roteiro. Imagina um cara como ele, que está lançando um filme, que ganhou um edital para lançar o filme dele, que é *Febre do Rato*, um trabalho maravilhoso. Ao mesmo tempo ele ganhou um edital para desenvolver o próximo roteiro, que daqui a um, dois anos, ele vai fazer e nesse meio tempo ele está empoderado para fazer um curta-metragem. Para o artista isso é fantástico e para a produtora melhor ainda, porque ela tem gás para continuar. A gente está vivendo um momento diferenciado, sim, mas a sociedade talvez por ter vivido tanto tempo na ditadura ainda está um pouco adormecida, então ela espera um pai, espera que o governo resolva, e o governo não vai resolver o que eu quero, porque ele não sabe o que eu quero. Então eu preciso expressar o que eu quero, construir isso. Eu já convoquei vários produtores

para isso, para desenhar uma proposta mais concreta e obrigar o governo a fazer seu papel, se ele é executivo, ele deve executar, o papel do legislativo é legislar, e eu como classe vou criar. O momento é crítico, porque a gente está vivendo uma crise no cinema brasileiro. O Ministério da Cultura está em crise, porque quem está participando das discussões nacionais está vendo que o Luiz Carlos Barreto criou um plano da cultura que era um plano de indústria e não um plano cultural. Então o que eu penso nesse momento para o cinema brasileiro é que a sociedade tem que se empoderar mais do que é seu e quem faz cinema, tem que acreditar de fato que essa é a sua ferramenta para dialogar com o mundo e brigar por ela com unhas e dentes. E principalmente acho que os criadores fazem o papel deles, escrevem os roteiros, encaminham seus roteiros para os produtores, mas falta aos produtores encontrar o caminho alternativo. Não ficar tão focado nos 8% das Salas Multiplex e descobrir a forma para que nossos filmes cheguem a 92% da população que não vai ao cinema, ao não ser através da pirataria. O que eu deixo para o momento do cinema aqui agora é que a gente tenha maior paixão pelo que faz e uma discussão mais verdadeira, mais propositiva, que vá para o papel, que se transforme em lei e que seja executada.

***Entrevista realizada por Flávia Santana e Ana González, dia 22 de maio de 2012, no Espaço Cultural da Barroquinha, em Salvador.**